PERSONALIDADE MULTIFACETADA

Acerca de Luís Soares, o que em primeiro lugar nos vem à mente é a versatilidade com que aborda formas diversas de expressão plástica mantendo no entanto algo de identificável como comum a todas, mas conseguindo, ao mesmo tempo, penetrar o sentido próprio de cada uma delas, podendo afirmar-se que, apesar dos temas, os elementos formais e até os valores cromáticos passarem do desenho para a pintura e desta para a cerâmica e a escultura, ganhando sempre o significado específico que deriva da técnica e dos materiais usados, só em conjunto logram atingir aquilo a que podemos chamar de efeito combinado, como se cada disciplina artística se prolongasse na outra, numa cadeia de elos em que o verdadeiramente importante é o resultado global. Exponham-se: uma pintura, uma escultura e uma peça de cerâmica de Luís Soares, analisem-se em conjunto. Aí está ! A tal continuidade de que falamos.

Luís Soares nasceu em Moçambique, e as raízes do que faz devem procurar-se nesse país da costa oriental da África. A estridente pureza da cor, o capricho da linha, o estilizado alongar das formas, a expressão das máscaras e dos rostos, tem muito da primitiva sabedoria da arte africana. Mas, em 1978, aconteceu o regresso a Portugal, terra que é dos seus pais, onde a necessidade de um novo enraizamento o levou a aproximar-se da arte ocidental; das manchas e das texturas, do prevalecer da dinâmica própria da obra e do interesse pelo improviso que o leva a explorar a linha, tal como o fizeram Klee e Miró, com intenção narrativa, quando é contorno, mas também como definidora de ritmos e organizadora de espaços. Negra e de espessura diversa, ela é a verdadeira dominante da sua arte.

Linha que é sempre o caminho da mão, umas vezes desenhando formas antropomórficas, outras cursiva deslizando ao acaso, perdendo-se no arabesco ou achando-se no signo, mágica e inventiva.
Na escultura, os mesmos corpos esguios e carcomidos, de uma expressividade dramática, pelo que pressupõe de passividade. Uma passividade semelhante à que nos entra em casa em vídeo - imagens do continente faminto e das suas gentes, condenados a morrer num esquelético errar, por trilhos de estéril secura.

Na cerâmica, as cores quentes e intensas, escorrendo na superfície lisa do grés, lágrimas deslizando: azuis, verdes, rosas misturando-se numa amalgama de tons cozidos pelo fogo.

São diferentes mas completam-se. Luís Soares, branco por fora, negro por dentro, artífice do fogo e artista da linha. Personalidade multifacetada, por vezes desconcertante; mãos navegando, entre a deriva e a rota firme, pelo espaço do suporte.

António Bacalháu

ASSORTED EFFECT

When you speak about Luís Soares, what, first of all, strikes our minds is the many-sidedness of his approach to the various forms of plastic expression keeping from changing, however, something you can recognise as the common element. Concomitantly, he succeeds in revelling the individual meaning of each one of them. You can, therefore, say that, in spite of the motives, the textual

elements and the chromatic values have been transported from the design to the painting and from the last one to ceramics and sculpture, always attaining the particular sense gathered from the expertise and materials. Only together they are able to reach that so-called assorted effect, as if each one of the artistic fields go on into the next, creating one chain where the total issue is the really important. Let us ex exhibit a Luís Soares painting, sculpture or ceramics; let us study them on the whole. Here it is! ... The connection we have been speaking about.

Luís Soares was born in Mozambique and we have to search the roots of his work in that nation of Africa's eastern coast. The creaking pureness of colour, the fancy of line, the stylistically lengthen of shapes, the expression of masks and faces, have much of the early wisdom of the African art. But, in 1978, he returned to Portugal, his parents' country, where the need of a new rooting forced him to close to the western art. The patches and textures, the predominance of the dynamis which distinguishes the work and the interest by the improvisation that impels him to explore the line - conclusive at ceramics -, as was done by Klee and Miró, with a descriptive intent, when it is a contour, but also as definitor of rhythms and organiser of spaces. Black and with changeable thickness, the line is the real dominant of Luís Soares' art.

The lines that is always the hand's destination, sometimes drawing anthropomorphical shapes, then flowing at random, losing itself into the flourish, or finding itself into the sign - magical and ingenious.

In the sculpture, you see the same lanky and worn-out figures, with a tragical expressiveness, by what they presuppose of passiveness. A passiveness that is alike the one that goes into our houses through the video - images of a starving continent and its people, doomed to die in a skeletal rambling, through trails of barren dryness.

In the ceramics, you have the lively and intense colours, dropping on the smooth surface of the stoneware, tears gliding; blue, green, pink... producing one amalgam of tones that the fire has baked.

They are unlike but they complete one another. Luís Soares, white outside, black inside, artificer of fire and artist of the line. Multiform personality, sometimes baffling; hands navigating between the drift and the intended track, through the space of the bearing.

António Bacalháu

Personalidad Multifacetada

Al hablarmos de Luís Soares lo que primero se nos ocurre es la versatilidad con que ataca las distintas formas de expresión plástica manteniendo, sin embargo, algo de identificable, común a todas, pero logrando, al mismo tiempo, penetrar el sentido propio de cada una de ellas, pudiendo afirmarse que, pese a los temas, los elementos formales y hasta mismo los valores cromáticos, pasan del dibujo a la pintura y de ésta a la cerámica y a la escultura, ganando siempre el significado específico que se desprende de la técnica y de los materiales empleados y que, solamente en conjunto, logran alcanzar aquello a que podemos llamar de efecto combinado, como sí cada una de las disciplinas artísticas se prolongara en las demás en una cadena de eslabones en la que lo que en realidad es importante es el resultado global. Expóngase: una pintura, una escultura y una pieza de cerámica de Luís Soares y hágase un análisis del conjunto. Ahí está! ... La continuidad de la que venimos hablando.

Luís Soares nació en Mozambique y las raíces de lo que hace se deben buscar en ese País de la costa oriental de Africa. La estridente pureza del color, el capricho de la línea, el estilizado alargar de las formas, la expresión de las máscaras y de los rostros, tiene mucho de la primitiva sabiduría del arte africano. Pero, en 1978, regresó a Portugal, pátria de sus padres, y la necesidad de hechar nuevas raíces lo hizo acercarse al arte occidental, de las manchas y de las texturas, de la predominancia de la dinámica propia de la obra y del interés por el improviso que lo lleva a explorar la linea - que en la cerámica es trazo incisivo - igual que lo han hecho Klee y Miró, con un propósito descriptivo cuando es contorno pero igualmente definidora de ritmos y organizadora de espacios.

Negra y de distintos espesores ella es, en realidad, la verdadera dominante de su arte.

Línea que sigue siempre el curso de la mano, dibujando unas veces formas antropomórficas y otras cursiva, deslizando al acaso, perdiendose en arabescos o hallándose en signos, mágica y creadora.

En la escultura, los mismos cuerpos largos y corroídos, de una dramática expresividad por lo que presupone de pasividad. Una pasividad semejante a la que nos entra en casa por el video - imágenes del continente hambríento y de sus gentes, condenadas a morirse en un esquelético vagar por veredas de estéril sequedad.

En la cerámica, los colores salientes e intensos, escurriendo sobre la superfície lisa del gres, lágrimas goteando: azules, verdes, rosas... mezclandose en un amalgama de tonos cocidos al fuego.

Son distintas pero se completam. Luís Soares, blanco por fuera, negro por dentro, artifice del fuego y artista de la línea. Personalidad polifacética a veces desconcertante;

manos navegando, unas veces sin rumbo otras firmes al timón, por el espacio del soporte.

Antonio Bacalhau